

Economista da FGV garante que o Brasil não vai recorrer ao Fundo

O Brasil não vai firmar acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Isso ficou claro na afirmação feita no Plano de Controle Macroeconômico de que o Governo não conta com ingresso de recursos novos no País. A conclusão é do diretor do Centro de Estudos e de Economia Internacional da Fundação Getúlio Vargas, Paulo Nogueira Batista Júnior, que também foi assessor para assuntos externos do ex-Ministro da Fazenda Dilson Funaro.

Ele aprovou a estratégia de renegociação da dívida definida no Plano, mesmo porque muitas das propostas constavam do plano da equipe econômica de Funaro, mas preferiu guardar um otimismo cauteloso quanto à sua execução.

Mas não foi só na parte externa que o Plano do Ministro Bresser Pe-

reira, e as propostas de Funaro se parecem. Paulo Nogueira disse que as metas de crescimento são as mesmas que eles projetaram no Programa de Financiamento de Desenvolvimento Econômico no período 1987-1991, o famoso livro amarelo.

●OTIMISMO — O Plano de Controle é realista, mas talvez peque por um excesso de otimismo, quando prevê taxas de crescimento de 5% para este ano. Isto porque o êxito destas metas dependem do resultado da renegociação da dívida externa do País. Mesmo com a reativação das exportações, o superávit comercial terá um ritmo de crescimento mais lento do que a elevação dos juros internacionais, o que vai exigir soluções não ortodoxas (longe dos canais convencionais do FMI) para os problemas da dívida. A avaliação é do ex-Presidente do Banco Central Carlos Geraldo Langoni, responsável pelo acordo com os credores em 1982, acrescentando que o cenário internacional não favorece estas projeções de expansão.